

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Manageiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 220-222. ISBN: 972-774-133-9.

Manageiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Apontador, Contratador, Empreiteiro, Maioral, Manageira, Manageiro da cortiça, Manageiro geral, Mandante.

O “*managêro* mandava nos *hómes*”. Este trabalhador era característico da grande lavoura alentejana, que utilizava grandes quantidades de mão-de-obra sobretudo na época das ceifas, mas também para outros trabalhos, realizados de empreitada. Por este motivo, o manageiro podia também ter a designação de *Empreiteiro*, utilizada no Douro para os *Maiorais* ou *Contratadores* dos ranchos (de galegos) que trabalhavam nas vinhas, principalmente nos trabalhos de plantação e cava. Bento Carqueja afirmou em 1916 que, “regra geral, os *empreiteiros* são *gallegos*.” Segundo Villa Maior (1876) a plantação de bacelos e os trabalhos correlativos (abertura de valados) eram geralmente feitos de empreitada por galegos. Os socalcos, por outro lado, eram feitos por trabalhadores locais, dada a dificuldade e precisão (exigia medições exactas) de que se revestia esta tarefa. No Douro as empreitadas eram pagas em parte em dinheiro e em parte em alimentos (feijão, batata, hortaliça, bacalhau e água pé), excepto o pão que era fornecido pelos próprios trabalhadores (Villa Maior, 1876).

Nas grandes lavouras do Sul inúmeros trabalhos eram dados de empreitada, designadamente a beirões e algarvios que vinham em grandes contingentes trabalhar sazonalmente nos campos alentejanos. Na lavoura de José Maria dos Santos o termo mais utilizado era *Maioral*, e referia-se aos indivíduos que dirigiam ranchos para a realização de trabalhos diversos como a apanha da azeitona, a tiragem da cortiça, o fabrico do carvão, a limpeza de valas, a *despedrega* (arranque de pedras), a abertura de covas para plantar oliveiras ou vinha. No entanto, a empreitada mais frequente na lavoura do sul era a ceifa do cereal. Alguns meses antes, o lavrador contactava ou pedia a um **Engajador*** para contactar um manageiro já conhecido, o qual se encarregava de trazer o *Rancho* dos **Ratinhos*** na altura apropriada. Era o manageiro que contratava o valor dos salários, distribuía o trabalho e o organizava, trabalhando

junto com o rancho. Silva Picão (Elvas, 1903) descreve-o da seguinte forma: “É um fulano que adquire essa importância por a ter herdado dos seus antecessores, ou por a empolgar...”. Começa por ser simples **Cefeiro*** quando vai para o Alentejo. Na sua terra natal, tal como os outros ratinhos, tem outra profissão, geralmente pequeno proprietário ou modesto industrial. “Os lucros do manageiro consistem numa quota-parte da soma total obtida nas ceifas de que se incumbiu (...) E auferê mais os tais doze vinténs, que lhe paga cada *ratinho*, e as luvas ou propinas que, por uso antigo, recebe dos lavradores (...) Para um trabalho de três meses, quando muito, é bem bom. Vale a pena vir da Beira...”. Sobre isto, comenta Villaverde Cabral (1974) que o manageiro “é já um pequeno empresário que faz negócio da compra e venda de força de trabalho assalariada.” Além do manageiro dos ratinhos para a ceifa, Silva Picão também descreve as actividades do manageiro dos tosquiadores *serranos*, vindos da Serra da Estrela para as empreitadas de tosquia das ovelhas: “Cada camarada tem o seu manageiro, que no acto da tosquia se ocupa exclusivamente em enrolar e atar os velos”.

Leite de Vasconcelos complementa as palavras de Silva Picão com esta definição do *manajêro*: “Quem ata o pão (cereal) e dirige o trabalho da ceifa”. Mas também era o “que vinha trazer às raparigas água numa bilha” (1920).

Por outro lado, o Manageiro também podia ser um **Criado da Lavoura***, anual e com comedorias (Lavoura de Lopes de Azevedo, Avis, 1915), ou acumular essa função eventual com outra permanente, como na lavoura do Barão de Almeirim, onde em 1919 havia um *Manageiro e guarda*: guarda de parte de uma herdade o ano inteiro e manageiro sazonalmente. Noutras lavouras tinha a especialidade da “Tiragem da Cortiça” (Monte Padrão, Figueira e Barros, Avis, 1951 e 1960) e adquiria a classificação de *Manageiro da Cortiça*. Em Alcácer do Sal tinha a designação de *Apontador*, o que vai tirar o ponto diariamente aos trabalhadores (Leite de Vasconcelos, 1933). E na Lavoura de Rio Frio, em Alcochete (1870), o manageiro não tem qualquer designação, mas antes é referido pela função que desempenha, como por exemplo *Juntando mato e olhando as mulheres na arrancada, Olhando as mulheres na Monda, Olhando os homens sachando!*

Nos casos de ranchos femininos, para trabalhos como a monda ou a apanha de azeitona ou de legumes, o procedimento corrente era o *manageiro* ou a *mangeira*

baterem às portas para chamar as *Trabalhadoras* (ver **Jornaleira***), acompanhá-las e vigiar o respectivo trabalho. As manageiras viviam nas vilas como as outras mulheres; a única vantagem que tinham era serem as primeiras a serem contratadas. Estas mulheres estavam obrigadas por uma regra de conduta moral que as responsabilizava pelo comportamento das *Raparigas* a seu cargo, sobretudo quando o rancho pernoitava nos montes: “As raparigas não podem conversar à franca com os rapazes, sem prévia licença da manageira...” (Silva Picão, Elvas, 1903). As fontes orais do Baixo Alentejo acrescentam: “cada grupo trabalhava sob o controlo de uma mulher de confiança do agricultor, chamada *manageira*, cujos méritos eram a *capacidade de trabalho* e a *autoridade* (...) cabia-lhe a ela vigiar e assegurar os ritmos e impedir as tagarelices durante as horas de trabalho (...) dada a sua incapacidade de controlar o trabalhador do grupo, atribuía-se-lhe um superior hierárquico – *o guarda da propriedade* – homem capaz, que vigia a equipa e a dirige inteiramente” (Albernoa, Pires e Zanoni, 1991).

Estas características dos manageiros em geral, assim como dos **Capatazes*** e dos **Feitores***, fizeram deles as figuras mais odiadas entre o grupo dos trabalhadores rurais. A visão negativa está presente nas descrições orais e também na literatura neo-realista portuguesa. Por exemplo, Manuel da Fonseca, no conto “Noite de Natal” (*O Fogo e as Cinzas*, 1951) tem um personagem que comenta: “Na ceifa, até o manajeiro me punha nas pontas (...) nas pontas, a puxar pelos outros (...) quando queria, punha todos num suadoiro que nem se lambiam.” Também em *Cerromaior* (1943): “Atento, o manageiro apoiava nos torrões o cacete que a mão escura segurava como um símbolo de mando”. Como consequência, no período da Reforma Agrária (1975) muitos foram castigados e sofreram consequências por terem sido cruéis para os trabalhadores, não conseguindo encontrar trabalho, e sendo identificados com o grupo dos *fascistas*, *bufos*, etc.

Miguel Vale de Almeida (1996) descreve o comportamento do manageiro ou encarregado das pedreiras de extracção de mármore em Pardais, Vila Viçosa. Segundo este autor, é legítimo usar a mesma definição para o encarregado ou manageiro da lavoura, porque não há grande diferença entre as relações estabelecidas no grupo dos trabalhadores rurais e no grupo dos que extraem a pedra. Como nota de curiosidade, na Andaluzia há também manageiros e apeiradores (ver **Abegão***).